

De mundo Vergilii*

João Vicente Ganzarolli de Oliveira

Faculdade de Letras da UFRJ
Av. Brigadeiro Trompowsky, s/n.
Cidade Universitária – Ilha do Fundão, Rio de Janeiro

Roberto Moreira Xavier de Araújo

Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas/CNPq
Rua Dr. Xavier Sigaud 150, Urca, Rio de Janeiro, 22290-180

RESUMO

Uma leitura cuidadosa do *Corpus Vergiliano* revela que para o Poeta a Terra é plana, circular, e o Universo, como um todo, esférico; em seu centro, situa-se Roma.

O *mundus Vergilii* assemelha-se ao *kósmos* de Aristóteles, no que diz respeito à dinâmica permanente de ordenação a que está submetido. A glória de Roma e do divino Augusto constitui o ponto de convergência, a *causa finalis* da obra de Vergílio.

Palavras-chave: Vergílio, Aristóteles, Augusto, Roma, Geografia, Espaço, Kósmos, Poética.

* Este artigo se baseia, em parte, na tese de doutoramento de João Vicente Ganzarolli de Oliveira, intitulada *O desenho do mundo no hemisfério da poética vergiliana* (Rio de Janeiro, Faculdade de Letras da UFRJ, outubro de 1996).

Un hombre se propone la tarea de dibujar el mundo. A lo largo de los años puebla un espacio con imágenes de provincias, de reinos, de montañas, de bahías, de naves, de islas, de peces, de habitaciones, de instrumentos, de astros, de caballos y de personas. Poco antes de morir, descubre que ese paciente laberinto de líneas traza la imagen de su cara.

Jorge Luis Borges
El Hacedor

1. A Pergunta: O Múltiplo e o Visível

Neget quis carmina Gallo?, pergunta o poeta Vergílio (70 - 19 a. C.) nos primeiros versos da *X Bucólica*.¹ Dedicados ao amigo Cornélio Galo, escritor pioneiro no âmbito da elegia romana, os versos apontam para o caráter gratuito e enigmático da linguagem poética. Ninguém recusaria versos a Galo – isso parece certo para Vergílio.² Por que então a tonalidade interrogativa? Ainda que se trate basicamente de um artifício literário, a pergunta vergiliana não persegue uma única resposta; convida o leitor a freqüentar o território semântico do irrespondível. O questionamento volta-se sobre si mesmo. Em outras palavras, a questão levantada por Vergílio, justamente por convergir para uma resposta tão óbvia (“Ninguém”), sequer merece ser respondida. Abre espaço, isto sim, para uma exclamação imperativa: *cabe à Poética insistir no ato de perguntar*.

Mesmo ao fazer uso de um recurso poético tão singelo, Vergílio estabelece analogia com os traços fundamentais de sua obra, capaz de despertar um sem-número de perguntas sempre renovadas. O poeta romano havia sido tomado pelo dom da *admiração*: a saudável inquietude intelectual que os gregos antigos identificavam como o propulsor essencial do pensamento. Segundo Aristóteles,

Movidos pela admiração, os homens começaram a filosofar e ainda agora filosofam: no início se admiraram diante das coisas que mais facilmente suscitam

¹ “ Quem pode recusar versos a Galo?” VERGÍLIO (Publius Vergilius Maro). *Les Bucoliques*. (texto latino e tradução francesa de Henri Goelzer) Paris, Les Belles Lettres, 1949, X, 3. Preferimos utilizar a forma onomástica *Vergílio* no lugar de *Virgílio*, apesar de ser esta última a mais usual. Privilegiando o caráter dócil do poeta, a latinidade cristã, a partir do século V, associou o seu nome à carga semântica inerente ao conceito de *virgo* (virgem). Assim nasceu a forma *Virgilius*, que, em português, gerou *Virgílio*; em francês, *Virgile*; em inglês, *Virgil* etc. Por outro lado, *Vergilius* (em português, *Vergílio*) é o nome verdadeiro do grande autor clássico. A origem do termo remonta ao radical indo-europeu *uerg* (cf. gr. *érgon* = obra; *enérgeia* = energia), que nos remete à idéia de *trabalho*. No sentido primitivo, *Vergilius* significa, pois, “trabalhador”. Ver a esse respeito NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1952, v. II, p. 317.

² É bem verdade que, nas *Geórgicas*, motivos políticos forçam Vergílio a substituir pelo mito de Orfeu e Eurídice o trecho escrito em homenagem ao amigo desafortunado, que havia caído em desgraça aos olhos do imperador (cf. VERGÍLIO [Publius Vergilius Maro]. *Les Géorgiques*. (texto latino e tradução francesa de Henri Goelzer) Paris, Les Belles Lettres, 1935, IV, 315 a 558). Isso em nada compromete o sentido expresso na interrogação formulada pelo poeta, mesmo porque a composição das *Bucólicas* antecede a das *Geórgicas*.

dúvidas; depois continuaram pouco a pouco a duvidar até das coisas maiores, como, por exemplo, das alterações que se verificam na lua, no sol e nas estrelas, bem como da geração do universo. Aquele que duvida e admira admite que ignora; por isso, o que ama os mitos é, de certo modo, filósofo: com efeito, o mito é constituído por coisas maravilhosas.³

Poeticamente construído na fronteira que divide o território mitológico e o filosófico, o discurso de Vergílio proporciona uma indagação ininterrupta acerca do mundo. Cada ser é revestido de mistérios e cada mistério remete à pergunta única e crucial, evocada através de todos os componentes da realidade e cujo aprofundamento conduz às próprias origens da existência. Ao perguntar, o poeta camponês dirige seus olhos para o mundo à sua volta: na Antigüidade o ato de ver é prenúncio do conhecimento. A leitura empreendida neste artigo parte de perguntas simples: O que vê o Poeta? Que geografias, que mundos imagina?

2. Terras e Cartas: Precursores

A superfície da Terra não se submete facilmente à confecção dos mapas que a representam. Deve-se a Anaximandro (séc. VI a. C.) a primeira tentativa de representação cartográfica do planeta em sua totalidade. Egípcios e babilônicos já haviam esboçado a mesma experiência. Mas os gregos foram os primeiros a conceder um tratamento científico à geografia, inicialmente na cidade de Mileto e depois em Alexandria. Desenvolvida por Hecateu (550 - 480 a. C.), a obra de Anaximandro inclui-se possivelmente entre os mapas consultados por Heródoto por ocasião da composição das *Histórias*.⁴ A esfericidade e a escala impedem a coincidência perfeita entre o espaço geográfico e a sua representação, o que só pode ocorrer no âmbito poético das geografias imaginárias. Jorge Luis Borges fornece-nos um exemplo disso ao falar de um reino onde os limites desenhados no mapa encomendado pelo rei se igualam aos limites reais das terras que se quer desenhar.⁵ Mas essa cartografia exata, perfeita (e impossível) não restringe inexoravelmente o horizonte da ciência geográfica⁶; este é mais amplo porque inclui – podendo até colocar em seu centro de atenções – o homem, na medida em que ele não apenas modifica a paisagem à sua volta, mas também é influenciado por ela no que tange ao aspecto físico, às aptidões, aos costumes, à cultura. Isso nos leva a considerar o mundo em sua forma e

³ ARISTÓTELES. *Metafísica*. 2ª ed. (texto grego, latino e tradução espanhola de Valentín García Yebra), Madrid, Gredos, 1982, I, 2, 982b 12s.

⁴ Ver a esse respeito PEDRAYO, Ramón Otero et alii. *La geografía en la Antigüedad*. in *Geografía universal: Descripción moderna del mundo*. Barcelona, Instituto Gallach de Librería y Ediciones, 1952, v. I, p. 16.

⁵ Cf. BORGES, Jorge Luis. *Del rigor de la ciencia*. in *Obras completas*. Buenos Aires, Emecé, 1989, v. I, p. 225.

⁶ Compete à geografia traçar o desenho do mundo – é o que nos diz a acepção primitiva da palavra de origem grega: com efeito, "geo" = Terra e "grafia" vem do verbo *gráphein*, que significa escrever, traçar, desenhar.

constituição enquanto lugar natural do ser humano e instância geradora de indagações diversas. De fato, conforme assinala Camille Vallaux,

a geografia não apenas contém uma filosofia, como toda ciência digna desse nome, mas ela é quase, em si mesma, uma filosofia do mundo do homem.⁷

E o homem, na Antiguidade ocidental, é o habitante do Mediterrâneo. Diferente dos outros mares, o Mediterrâneo não vai sendo explorado de forma paulatina, como via de acesso a novas terras; *trata-se de um fim em si mesmo, âmbito geográfico vital*, capaz de marcar essencialmente os homens que fixam residência em suas margens e ilhas. As primitivas colônias fundadas por fenícios, cartagineses, gregos e etruscos atuam como matriz civilizatória do mundo ocidental.⁸

Observa com perspicácia Novalis que, de certa maneira, também os nossos pensamentos são espaciais.⁹ Partindo dessa premissa, examinemos o que os registros mais antigos nos dizem sobre o desenho do mundo, pois é ele que conduz nossas indagações.

Homero e Hesíodo consideravam que a Terra era plana e circular, com o centro no Mar Egeu, sede da civilização helênica.¹⁰ Desse modo se estabelece a perspectiva etnocêntrica que caracteriza a Ecúmena Mediterrânea. A própria adoção do círculo como figura representativa da face terrestre favorecia a idéia de um foco civilizatório irradiador. Assim como o grau mais elevado de civilização estaria localizado no lugar geográfico correspondente ao centro, o afastamento desse ponto tornaria os povos cada vez mais próximos do estado de barbárie. Isso ajuda a esclarecer o etnocentrismo de Estrabão e o seu desinteresse (que repercute em Ptolomeu e também nos medievais) pelas zonas periféricas da Terra, que ele acreditava ser esférica. Escassamente habitadas e talvez até despovoadas, tais zonas escapariam ao circuito de atuação do geógrafo.¹¹ Esse olhar que passeia desatento pelos extremos do mundo também transparece na obra de Vergílio.

⁷ Camille VALLAUX. *Les Sciences Géographiques*, Paris, Alcan, 1929, apud WAGNER, Philip. *The human use of the earth. An examination of the interaction between man and his physical environment*. London, Macmillan Limited, 1964, p. V.

⁸ Cf. PEDRAYO, Ramón et alii. *La geografía en la Antigüedad*. in *Geografía universal: Descripción moderna del mundo*. op. cit., p. 14. Antes do fenômeno da expansão maometana, o Mar Mediterrâneo atua fundamentalmente como elemento de união entre os povos da Europa meridional, da Ásia Menor e da África setentrional. Após a conquista muçulmana, prevalece a dinâmica de hostilidade, através da instauração de dois mundos ideologicamente antagônicos: a Cristandade e o Islã. Ver a esse respeito ROUGÉ, J. *Conceptions antiques sur la mer*. in *Littérature gréco-romaine et géographie historique. Mélanges offerts à Roger Dion*. (org. R. CHEVALLIER) Paris, A & J. Picard, 1974, p. 275.

⁹ Auf gewisse Weise sind auch unsere Gedanken räumlich, NOVALIS. *Schriften II*, 169, apud Leonel RIBEIRO DOS SANTOS. *Metáforas da Razão ou Economia Poética do Pensar Kantiano*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.

¹⁰ Cf. PEDRAYO, Ramón et alii. *La geografía en la Antigüedad*. in *Geografía universal: Descripción moderna del mundo*. op. cit., p. 15.

3. Da Terra ao Mundo: Vergílio

A amplitude das terras conhecidas não havia aumentado de forma expressiva desde os tempos de Heródoto. Os limites do mundo habitado que Vergílio descreve podem ser tidos como padrão relativamente inalterável até a Era dos Descobrimentos: ao norte, a semi-lendária ilha de Tule (“Tule extrema” [*ultima Thule*]¹² – talvez a Islândia, a Noruega ou uma das Ilhas Shetland); ao sul, a Líbia, terra desolada, como metonímia do continente africano: “Ó! Infeliz daquele que se extravai nos campos solitários da Líbia.”¹³; a leste, a Índia, “golfo extremo do mundo”¹⁴; a oeste, a costa marroquina, país dos “mais afastados garamantes”.¹⁵

Vergílio vive em uma época na qual a esfericidade terrestre já era admitida pela geografia grega. Embora conhecedor da cultura helênica, o autor se revela anacrônico na escolha de um modelo representativo do Universo: a Terra, para Vergílio, é plana. O modelo vergiliano para o formato da Terra ampara-se em Homero. Concede-se à Terra as características obtidas através da visão: a Terra é tida como plana, circular, contornada pelo *rio* Oceano e envolvida pela esfera celeste, permeada de estrelas e constituinte do limite extremo do esferóide *carregado nos ombros pelo titã Atlas*:

[a região] se estende além das constelações, e além das rotas do sol e do ano, onde Atlas, que sustenta o céu, faz girar sobre o seu ombro a abóbada celeste permeada de estrelas brilhantes.¹⁶

¹¹ Cf. ESTRABÃO. *Geografía. Prolegômenos*. (trad. Ignacio Granero) Madrid, Aguilar, 1980, II, 5, 34.

¹² VERGÍLIO (Publius Vergilius Maro). *Les Géorgiques*. op. cit. I, 30.

¹³ *heu! male tum Libyae solis erratur in agris*. Idem. III, 249.

¹⁴ *India (...) / extremi sinus orbis (...)* Idem. II, 122 e 123.

¹⁵ *Garamantes extremi (...)* *Les Bucoliques*. op. cit., VIII, 44. Ver também, acerca de todos os limites mencionados, ENCICLOPEDIA UNIVERSAL ILUSTRADA. Barcelona, Hijos de J. Espasa, 1924, v. 25, p. 1307.

¹⁶ (...) *iacet extra sidera tellus, / extra anni solisque uias, ubi caelifer Atlas / axem umero torquet stellis ardentibus aptum*. VERGÍLIO (Publius Vergilius Maro). *L'Énéide*. (texto latino e tradução francesa de Henri Goelzer) Paris, Les Belles Lettres, 1938, VI, 795 e 796. Por ter tomado parte na luta entre os gigantes e os deuses, Atlas foi castigado por Zeus com a tarefa de carregar nos ombros a abóbada celeste. Afastando-se do circuito mitológico, Heródoto foi o primeiro a considerar Atlas uma montanha situada na África do Norte (cf. GRIMAL, Pierre. *Dictionnaire de la mythologie grecque et latine*. Paris, Presses Universitaires de France, 1979, p. 59). Observe-se que a circularidade não direciona apenas a visão espacial de Vergílio. Herdeiro das antigas doutrinas etruscas, o tempo vergiliano também é circular: “Eis que recomeça a grande ordem dos séculos” (*Magnus ab integro saeculorum nascitur ordo*). VERGÍLIO (Publius Vergilius Maro). *Le Bucoliques*. op. cit., IV, 5. Os etruscos acreditavam que a existência é regida por uma temporalidade circular, marcada por intervalos de dez eras, ao fim das quais tem início uma nova ordem.

O poeta não insiste explicitamente no aspecto bidimensional da sua geografia; trata-se de algo que deduzimos ao longo da investigação, e.g., através da análise do *escudo de Enéias* – que, em termos geométricos, constitui um círculo – para a descrição da forma da Terra. A poética vergiliana converge para a exaltação de Roma como centro simbólico do mundo habitado. Conceber a *urbs aeterna* sobre uma superfície esférica implicaria equipará-la, no plano geográfico, às outras cidades. O centro da esfera – que é o seu lugar de destaque, equidistante de todos os pontos da superfície – não se encontra ao alcance dos olhos, dado o caráter tridimensional dos sólidos. Partidário da concepção que prioriza o sentido visual como veículo de apreensão do conhecimento, Vergílio faz com que o desenho poético do mundo antigo tenha um centro visível. A solução se concentra na figura do círculo como paradigma para a sua cartografia poética. O círculo preserva as relações de equidistância entre o centro e as extremidades, apresentando uma vantagem essencial: tratando-se de uma figura de duas dimensões, elimina-se o problema da impossibilidade de *ver* o ponto central, tal como ocorre no caso da esfera. Isso permite a Vergílio colocar a capital do mundo antigo no ponto privilegiado e visível, situado a igual distância de todos os pontos da periferia da Terra. Assim, no plano simbólico, Roma assume a função de pólo atrativo e foco irradiador de harmonia para toda a extensão cósmica.

A visão do mundo proposta por Vergílio tem como base uma concepção *urbana* da realidade espacial. Embora dedique parte expressiva da sua produção literária ao retrato e à exaltação dos campos e dos fenômenos que aí se manifestam, o autor projeta sobre as terras do mundo então conhecido os ideais romanos de *ordem*, *civilidade* e *racionalidade* – conceitos diretamente associados à hegemonia dialética da *urbs* (cidade) sobre o *ager* (campo).

Esboçemos agora os fatores fundamentais em que nos apoiamos para concluir que o desenho do mundo traçado por Vergílio representa um *kósmos* que é constituído pela esfera celeste e pela superfície plana e circular da Terra, tendo como centro geográfico e ideológico a *urbs aeterna*:

- a. Conforme já aludimos, o uso metafórico do escudo de Enéias na *Eneida* como parâmetro para a descrição do planeta evoca uma geografia bidimensional e plana, que se atualiza sobre uma superfície circular;
- b. A metáfora do círculo é condição necessária para o posicionamento privilegiado que o poeta concede a Roma;
- c. Ainda na *Eneida*, Vergílio fala da esfericidade do céu, corroborando assim o modelo já apresentado nas *Bucólicas* e nas *Geórgicas*;
- d. A índole pragmática do povo romano e os objetivos militares que sempre atuaram como pano de fundo na história de Roma propiciavam a aceitação do modelo de Vergílio: o *kósmos* limitado por uma abóbada esférica, tendo como círculo máximo a superfície terrestre. Com o império limitado geograficamente ao norte pelas Ilhas Britânicas, ao sul pela África setentrional, a leste pela foz do Danúbio e pelo Mar Negro, a oeste pela costa ibérica, os romanos estimularam o conhecimento geográfico do mundo. Via de regra, porém, a geografia praticada em Roma – essencialmente subordinada a fins militares – indica um retrocesso em relação às conquistas dos geógrafos gregos. Isso contribui para explicar o fato de Vergílio ter escolhido a forma plana para a representação da Terra. A ideologia expansionista preconizada por Otávio requeria um modelo geográfico de apreensão imediata. A concepção esférica seria de

menor utilidade, uma vez que, aos olhos do espectador, a Terra se apresenta como plana.

Note-se, além disso, que as três obras de Vergílio (e, de certo modo, até mesmo a coletânea intitulada *Appendix Vergiliana*¹⁷) se acham regidas por um ideal de harmonia cósmica. A descrição de uma geografia do além no livro VI da *Eneida* evoca a existência de prêmios e castigos após a vida terrena. Inalcançável no âmbito terrestre, a justiça plena concernente à conduta de cada homem se realiza no *Hades*. Isso não constitui apenas um indicativo da preocupação do poeta camponês com o destino de cada indivíduo; conferindo imortalidade à alma humana, Vergílio reforça o caráter harmônico do *kósmos* em sua totalidade, na medida em que os inevitáveis lapsos da justiça terrena se acham preenchidos no período *post mortem*.

O cosmos vergiliano e a natureza que nele se desdobra convergem para um fim aristotelicamente determinado: cada ser tende a concretizar as suas potencialidades. Compete ao homem conhecer a essência do processo responsável pelo encadeamento entre os seres nessa ambiência teleológica: “Feliz daquele que pode conhecer as causas das coisas”. footnote [Felix qui potuit rerum cognoscere causas. Idem II, 490.] Isso se articula com a essência da obra de Vergílio, que tem Roma e Augusto como *causa finalis* do discurso poético.

Segundo o geógrafo latino Apiano (s. II d. C.), só interessa à geografia o conhecimento das terras úteis aos desígnios expansionistas de Roma. Apiano crê que, até a sua época, nenhum outro império, além do romano, havia chegado a tal nível de grandeza e duração. Conforme ele observa,

O discurso acerca das virtudes do povo romano desperta a necessidade do conhecimento das suas origens.¹⁸

Assim como Apiano, Vergílio crê que a história romana tem início com Enéias. O personagem de Homero traz da Ásia os deuses e as cinzas dos antepassados; mas isso não basta para instaurar a relação conciliatória almejada pelo herói troiano. Para que a estirpe romana, descendente de Enéias, crie raízes em solo itálico, precisa se amparar em uma cultura já existente. É esse povo mestiço que vai construir um império e rearticular o mundo.

Contemporâneo de Vergílio, Estrabão entende a geografia como uma ciência conciliável com o conteúdo expresso nos textos homéricos. Resulta possivelmente da influência de Homero o papel destacado concedido à visão no âmbito do conhecimento geográfico.¹⁹ Segundo Estrabão, a geografia deve ser capaz de tornar visível em mapas a configuração terrestre. Por isso, a representação cartográfica em duas dimensões mostra-se a mais conveniente para o geógrafo.²⁰

¹⁷ Por exemplo, “ (...) que estes versos sejam declamados por amor ao mosquito” ([...] *haec propter Culicis sint carmina dicta*. VERGÍLIO (Publius Vergilius Maro). *Culex*. in *Appendix Vergiliana siue Carmina minora Vergilio adtributa*. Oxford, Oxford University Press, 1927, 3).

¹⁸ APIANO. *Historia romana*. (trad. Antonio Royo) Madrid, Gredos, 1980, *Prólogo*, 15.

¹⁹ Cf. ESTRABÃO. *Geografía. Prolegómenos*. op. cit., Madrid, Aguilar, 1980, I, 1, 6.

²⁰ Cf. Idem. II, 5, 1.

Em Vergílio, no entanto, a bidimensionalidade não é apenas um recurso cartográfico: para o Poeta de Mântua, a Terra é realmente plana.

4. O imaginário geográfico

A noção de Terra circular já se manifesta entre os sumérios, que concebiam o *oceano* como um rio em forma de serpente, ao redor do qual se encontravam as terras.²¹ Acostumados a percorrer imensas distâncias marítimas, os fenícios foram levados a crer na existência de uma totalidade líquida que contornasse todas as partes sólidas do planeta. A tentativa de conciliação entre a ausência de limite propiciada pela arte de navegar e a necessidade de dar finitude ao espaço terrestre conduziu-os à escolha da forma circular para a representação da Terra. Por isso, os fenícios chamaram o oceano de círculo (*og*). É provável, inclusive, que essa palavra semita constitua a origem etimológica do termo grego *okeanós*, ancestral da palavra latina *oceanus*.²²

A circularidade evoca a forma da Terra tal como Vergílio a concebia. Justamente por causa da sua extrema simetria, o círculo é uma figura geométrica incessantemente ambígua; estabelece contornos definidos mas não deixa de evocar o ilimitado, na medida em que carece de começo, meio e fim. É uma forma conciliatória entre o finito e o que carece de limites, como pode ser visto em Homero.²³

Esse mundo que Vergílio imagina é organizado; trata-se de um *kósmos* semelhante ao de Aristóteles, no que tange à esfericidade da abóbada e à dinâmica ininterrupta de ordenação entre as suas partes integrantes.²⁴

Em Vergílio, o apelo visual é fio condutor da expressão poética. Por isso lhe convém adotar para a Terra um modelo plano, alheio à abstração necessária para o convívio com a tridimensionalidade. Aos olhos, o planeta afigura-se em princípio como uma ambiência de duas dimensões.

A prova sensorial da existência de uma terceira dimensão nos é fornecida pelo tato e pela experiência do movimento relativo. Com efeito, ao tocarmos os objetos vivenciamos o fato de que eles se estendem em comprimento, largura e altura; ao nos deslocarmos podemos distinguir um objeto tridimensional (uma estátua, por exemplo) de sua imagem bidimensional (uma foto da estátua, digamos)²⁵. Por outro lado, certas características do mundo físico só se viabilizam por habitarmos uma ambiência

²¹ Cf. BRANDÃO, Junito. *Mitologia grega*. Petrópolis, Vozes, 1986, v. I, p. 197.

²² Cf. ENCICLOPEDIA UNIVERSAL ILUSTRADA. op. cit., p. 1305.

²³ Cf. HOMERO. *L'Iliade*. (texto grego e tradução francesa de Paul Mazou) Paris, Les Belles Lettres, 1946, I, 350; XXIV, 545; *L'Odissée*. (texto grego e tradução francesa de Paul Mazou) Paris, Les Belles Lettres, 1946, IV, 510; X, 194.

²⁴ Diferindo do Estagirita, o Mantuano adota uma geografia de duas dimensões, conforme já apontamos.

²⁵ Wallach, Hans. "Perceiving a Stable Environment", *Scientific American*, may 1985, vol. 252, n. 5, pp. 118-124.

cósmica que tem mais de duas dimensões²⁶. Se não fosse assim, estaríamos confinados a limitações visuais e motoras análogas às dos habitantes da geografia imaginária retratada por Edwin Abbott em *Flatland (Terra Plana)*.²⁷

Naturalmente, o mundo visto por Vergílio difere da ambiência geométrica descrita pelo autor inglês. Mas comparece na obra do poeta latino uma concepção do espaço terrestre predominantemente sensória que a torna filiada à bidimensionalidade. A concepção cósmica de Vergílio assemelha-se à visão do mundo predominante entre os autores da Baixa Idade Média: para a geografia, considerava-se a Terra plana; sob o ponto de vista astronômico, o Universo como um todo era esférico.²⁸

Excetuando a experiência do tato e do movimento, tanto a aceitação do espaço tridimensional quanto a da esfericidade terrestre se tornam fruto da razão e não da faculdade perceptiva. Uma vez que os olhos *vêm* a Terra como plana, o espaço de duas dimensões se revela mais compatível com a representação geográfica, conforme ensina Estrabão.²⁹

O mundo percebido por Vergílio é descrito em versos para serem declamados, mesmo porque, ao contrário do que se verifica na Grécia antiga, a prática da leitura e da escrita constitui privilégio de poucos na Roma imperial. Não obstante, Vergílio sabe que a concepção e o caminho adotados para retratar o mundo poeticamente precisam se basear no sentido visual. O Mantuano nem sempre vê aquilo que narra, mas se empenha em conferir à linguagem poética a capacidade de evocar imagens visuais verossímeis ao leitor. É possível que, ao descrever a bifurcação do inferno, o poeta haja recorrido ao simbolismo visual contido na letra **Y**, criada por Pitágoras como imagem da vida moral do homem que, ao sair da infância, precisa optar entre o caminho das virtudes e o dos vícios.³⁰ Com efeito, a Sibila diz a Enéias:

Aqui é o lugar em que o caminho se divide em duas partes: à direita, ele conduz aos muros do grande Plutão; por aqui é o nosso caminho, o dos Campos Elíseos. Mas à esquerda, ele conduz ao ímpio Tártaro, lugar em que os maus sofrem os castigos.³¹

²⁶ F. CARUSO e R. MOREIRA XAVIER. "On the physical problem of spatial dimensions: an alternative procedure to stability arguments", *Fundamenta Scientiae* 8 (1) 1987, 73; M. JAMMER. "Concepts of Space: The History of Theories of Space in Physics", third edition, New York, Dover, 1993.

²⁷ ABBOTT, Edwin A. *Flatland. A romance of many dimensions*. 6ª ed., New York, Dover, 1952, p. 17.

²⁸ Cf. RANGLES, W. G. *Da Terra plana ao globo terrestre. Uma rápida mutação epistemológica. 1480 - 1520*. (trad. Teresa Braga) Lisboa, Gradiva, 1990, p. 11.

²⁹ Cf. ESTRABÃO. *Geografía. Prolegômenos*. op. cit., II, 5, 1.

³⁰ DESBORDES, Françoise. *Concepções sobre a escrita na Roma antiga*. (trad. Fulvia Moretto e Guacira Machado) São Paulo, Ática, 1995, p. 71.

³¹ *Hic locus est, partis ubi se uia findit in ambas: / dextera quae Ditis magni sub moenia tendit, / hac iter Elysium nobis; at laeua malorum / exercet et poenas ad impia Tartara mittit.* VERGÍLIO (Publius Vergilius Maro). *L'Énéide*. op. cit., VI, 540 a 544.

Destaca-se nessa passagem a importância concedida ao direcionamento longitudinal, orientado pelo par dicotômico *esquerda-direita*, característica predominante na visão do mundo entre os antigos.

Data dos primórdios do pensamento grego a tendência a considerar a visão e a audição os únicos sentidos capazes de desfrutar da beleza. Entre um e outro, caberia aos olhos o primado sensorial, dado o seu vínculo tão próximo com o fenômeno cognitivo.³² Na cultura ocidental, os testemunhos se sucedem dos tempos de Homero aos dias de hoje: dá-se uma relação biunívoca entre *ver* e *conhecer*; dito de outra forma, o que escapa aos olhos tende a ser excluído da esfera do saber.

A obra de Vergílio oferece várias descrições realistas – e muitas vezes pormenorizadas – dos fenômenos naturais. É o caso, por exemplo, do retrato da noite, na *Eneida*:

Era noite e os corpos fatigados desfrutavam de um sono plácido pelas terras; as florestas e a superfície furiosa do mar descansavam. Quando os astros cumprem a metade do seu percurso, é o tempo em que todo o campo se cala: os rebanhos e os pássaros coloridos, as criaturas que ocupam ao largo os lagos serenos e as que habitam os campos ásperos sob os sarçais, todos estavam entregues ao sono sob a noite silenciosa.³³

Nas *Geórgicas*, o poeta fala da paisagem desolada da Cítia, onde a terra se estende além do alcance dos olhos e se torna disforme em função do acúmulo de neve e gelo. Submissos à ação da natureza, os habitantes se refugiam em cavernas a fim de se proteger do frio.³⁴

A tonalidade descritiva da poética vergiliana convive com a presença de um espaço idealizado, como já se verifica nos versos que retratam a célebre região da Arcádia. Acontece, porém, um fato curioso: a geografia imaginária de Vergílio contrapõe-se à evidência geográfica ditada pela realidade espacial: excetuando o cultivo à arte musical, a Arcádia era uma terra sem atrativos. Nascido nessa região, Políbio considerava-a “pobre, desolada e improdutiva”.³⁵

E, ao contrário do que já se considerou, as pesquisas mais atuais indicam que a poesia bucólica nem sequer existia na Arcádia antes da época em que Teócrito compôs os seus *Idílios*.³⁶ Teócrito faz com que o deus Pã, originário da Arcádia, se

³² Cf. ARISTÓTELES. *Metafísica*. op. cit., I, 1, 980a.

³³ *Nox erat et placidum carpebant fessa soporem / corpora per terras, silvaeque et saeva quierant / aequora, cum medio uoluntur sidera lapsu, / cum tacet omnis ager, pecudes pectaeque uolucres, / quaeque lacus late liquidos quaque aspera dumis / rura tenent, somno positae sub nocte silenti.* VERGÍLIO (Publius Vergilius Maro). *L'Énéide*. op. cit., IV, 522 a 527.

³⁴ Cf. VERGÍLIO (Publius Vergilius Maro). *Les Géorgiques*. op. cit., III, 349 a 383. No verso 382, o poeta se refere aos citas, que habitavam parte da extremidade setentrional do mundo conhecido, como *gens effrena* (raça desregrada), o que nos remete ao tema da alteridade. Ver também HUMBOLDT, Alexander von *Cosmos. Essai d'une description physique du monde*. (trad. Ch. Galusky) Paris, Gide & J. Baudry, 1848, v. II, p. 19.

³⁵ POLÍBIO. *The rise and fall of the Roman Empire*. (trad. Scott - Kilvert) London, Penguin Books, 1979, IV, 20.

transfira para a Sicília a fim de que Dáfnis lhe devolva a flauta antes de morrer.³⁷ Não obstante, a Arcádia retratada pelo poeta de Siracusa ainda se mantém bastante próxima da realidade.³⁸

Vergílio é o responsável pela idealização literária da Arcádia. Além de enfatizar suas virtudes musicais, concede-lhe um desenho geográfico idealisticamente favorável e uma temporalidade imóvel: a Arcádia vergiliana é um mundo de primavera eterna e de tempo inextinguível para o amor. Segundo Erwin Panofsky,

Ao proceder assim, Virgílio realizou muito mais que uma mera síntese do primitivismo ‘suave’ e ‘duro’ dos pinheiros selvagens da Arcádia com os prados e bosques sicilianos, da virtude e piedade arcádicas com a doçura e sensualidade sicilianas: transformou as duas realidades numa Utopia, num reino suficientemente afastado da vida cotidiana de Roma para poder desafiar uma interpretação realista (...), porém bastante impregnado de concretude visual para fazer apelo direto à experiência interior de cada leitor.³⁹

Com efeito, a Arcádia de Vergílio é o local *Iouis omnia plena* (onde Júpiter se acha presente em todas as coisas)⁴⁰; onde o lobo não ataca os cordeiros e os cervos não são ameaçados por armadilhas⁴¹; enfatizando a convivência harmoniosa entre o homem e a natureza circundante, Vergílio descreve o monte Menale como um lugar repleto de *pini loquentes* (pinheiros falantes), capazes de fazer ressonância com a música dos pastores arcadianos.⁴²

Predominantemente imaginária, a visão geográfica que norteia a composição das *Bucólicas* não se limita à descrição idealizada do espaço arcadiano. A primeira obra de Vergílio já enuncia o modelo homérico para a forma do mundo, tal como se pode ver nesta passagem da *IV Écloga*:

Observa o mundo que oscila com o seu volume convexo, as terras, a imensidão do mar e o céu profundo.⁴³

Sob o prisma da convivência de uma geografia imaginária com uma descrição do mundo de caráter propriamente científico, as *Geórgicas* e a *Eneida* revelam uma

³⁶ Cf. PANOFSKY, Erwin. *Significado nas artes visuais*. 2ª ed., São Paulo, Perspectiva, 1979, p. 381.

³⁷ Cf. TEÓCRITO. *Thyrsis*. in *Bucoliques grecs*. (texto grego e tradução francesa de Ph. Legrand) Paris, Les Belles Lettres, v. I, 123s.

³⁸ Cf. SCHAMA, Simon. *Paisagem e memória*. (trad. Hildegard Feist) São Paulo, Cia. das Letras, 1996, p. 523.

³⁹ PANOFSKY, Erwin. *Significado nas artes visuais*. op. cit., p. 382.

⁴⁰ VERGÍLIO (Publius Vergilius Maro). *Les Bucoliques*. op. cit., III, 60.

⁴¹ Cf. Idem. V, 56 a 61.

⁴² Cf. Idem. VIII, 22. Ver também I, 6; IV, 3; VII, 24 etc.

⁴³ *Adspice convexo nutantem pondere mundum, / Terrasque tractusque maris caelumque profundum*. Idem. IV, 50 e 51. Vergílio faz com que os efeitos da *Idade do ouro* se estendam a todo o universo. Note-se que a convexidade se refere à forma da abóbada celeste. Plano na parte terrestre, o *kósmos* vergiliano se torna esférico quando incluímos o firmamento e os astros.

tendência ao equilíbrio, fator que praticamente inexiste nas *Bucólicas*. Nas *Geórgicas*, a presença do mito (Hesíodo) e da filosofia pré-socrática (Tales) transparecem na caracterização do oceano como elemento gerador de todas as coisas.⁴⁴ Desejando enfatizar a altura das árvores que compõem os bosques indianos, situados nos confins do mundo, o poeta diz que a copa dessas árvores jamais poderia ser atingida por flexas⁴⁵

O espaço cósmico descrito na *Eneida* se vê amparado por um animismo universal de feições quase bíblicas, ainda que com um leve sabor panteísta:

No princípio, um espírito vivifica interiormente o céu, as terras, as planícies líquidas, o globo luminoso da lua e o sol: difundida entre os membros do mundo, a mente agita toda a matéria, misturando-se com esse grande corpo. Daí se originam a raça humana, a dos animais, as vidas dos pássaros e os monstros que o oceano abriga sob a sua superfície marmórea.⁴⁶

O ideal vergiliano de ordenação não se restringe ao espaço terrestre; atinge também o circuito etéreo em que vivem as divindades. No mundo aristotelicamente ordenado de Vergílio, os deuses não partilham da rebeldia que os caracteriza na obra de Homero:

Lembra-me as causas, ó Musa; por qual deus ofendido ou por que motivo a ressentida rainha dos deuses obriga um herói insigne pela piedade a passar por tantas desventuras, a suportar tantos sofrimentos. Tanta ira nos corações dos seres celestes?⁴⁷

Tal atitude chega a gerar críticas severas ao caráter épico da *Eneida*, conforme se pode ver nesta passagem de René Pichon:

⁴⁴ Cf. VERGÍLIO (Publius Vergilius Maro) *Les Géorgiques*. op. cit., IV, 382. É importante assinalar que o teor poético das *Geórgicas* não compromete a utilidade dos inúmeros ensinamentos de agronomia aí contidos (cf. ROBERT, Jean-Noël. *La vie à la campagne dans l'Antiquité romaine*. Paris, Les Belles Lettres, 1985, p. 18). Ao contrário do que pensava Macróbio, Vergílio por vezes se equivoca no que tange à ciência. Os equívocos científicos expressos no poema (e.g., a fecundação das éguas através do vento) não se devem necessariamente a uma idealização poética das leis naturais; tais enganos de Vergílio decorrem do próprio caráter da *epistème* à qual o poeta se acha filiado.

⁴⁵ Cf. Idem. II, 118 e 122 a 124.

⁴⁶ *Principio caelum ac terras camposque liquentis / lucentemque globum lunae Titaniaque astra / spiritus intus alit, totamque infusa per artus / mens agitat molem et magno se corpore miscet. / Inde hominum pecudumque genus uitaeque uolantum / et quae marmoreo fert monstra sub aequore pontus.* VERGÍLIO (Publius Vergilius Maro). *L'Énéide*. op. cit., VI, 724 a 729.

⁴⁷ *Musa, mihi causas memora, quo numine laeso / quidue dolens regina deum tot uoluerit casus / insignem pietate uirum, tot adire labores / impulerit. Tantaene animis caelestibus irae?* Idem. I, 8 a 11.

Vergílio é filósofo demais para admitir paixões violentas entre os deuses e romano demais para crer que eles pudessem dar o exemplo da discórdia. Vergílio impõe ordem no Olimpo assim como Augusto o faz na Terra.⁴⁸

Ao mesmo tempo em que se faz porta-voz do empenho romano de criar limites e normas para as terras e os habitantes do mundo, Vergílio não deixa de exaltar as virtudes da natureza virgem, ou seja, livre das marcas deixadas pelo contato com os homens:

(...) agrada ver os campos não submetidos às enxadas e a nenhum cuidado humano.⁴⁹

Vergílio mostra-se saudoso com relação a um passado hipotético, em que a paisagem natural ainda não havia sido modificada pelos instrumentos agrícolas, tampouco pela arquitetura ou pela engenharia. Trata-se de um tempo em que a natureza supria por si mesma as necessidades humanas:

Antes do reinado de Júpiter, os colonos não cultivavam a terra; e certamente não era permitido pela lei divina marcar ou dividir o campo com o limite. Buscavam a medida justa; a própria terra, nada exigindo, tudo produzia espontaneamente.⁵⁰

Note-se que, nas próprias *Geórgicas*, vem à tona uma atitude de resignação da parte do poeta quanto ao papel modificador que o homem impõe à natureza, fazendo assim com que o desenho do mundo adquira novas feições. Trata-se de *urbanizar* o espaço selvagem, domesticando, pois, as forças naturais. Sob esse aspecto, o poeta camponês discorda frontalmente de Lucrécio, para quem a *uis* (indústria) humana acabaria por assistir impotente à ruína do universo, em decorrência das próprias tendências determinadas pela *natura rerum*.⁵¹

O ideal de *urbanitas* é uma prerrogativa do *mundus Vergilii*. Veja-se que Vergílio projeta sobre o *ager* elementos exclusivamente positivos do referencial urbano, organizando assim o espaço campestre – a própria Roma é, para o poeta, um local em que *urbanus* é sinônimo de civilizado, cortês, educado etc. Enquanto o *kósmos* reflete macroscopicamente a ordem instaurada por Roma no mundo antigo, a

⁴⁸ PICHON, René. *Histoire de la littérature latine. op. cit.*, p. 344. Não há lugar para dissidências no cosmo vergiliano. A ordenação e a disciplina são absolutas.

⁴⁹ (...) *iuvat arua videre / non rastris, hominum non ulli obnoxia curae*. VERGÍLIO (Publius Vergilius Maro). *Les Géorgiques. op. cit.*, II, 438. No século VII d. C., a introdução do arado com arreios fixos na agricultura européia marca o fim da fase de integração do homem com a natureza. Dessa época em diante, a natureza passa a constituir basicamente um depósito de produtos a serem explorados (cf. Lynn White Jr., apud SCHAMA, Simon. *Paisagem e memória. op. cit.*, p. 23).

⁵⁰ *Ante Iouem nulli subigebant arua coloni / ne signare quidem aut partiri limite campum / fas erat: in medium quaerebant; ipsa tellus / omnia liberius, nullo poscante, ferebat*. VERGÍLIO (Publius Vergilius Maro). *Les Géorgiques. op. cit.*, I, 125 a 128.

⁵¹ Cf. LUCRÉCIO (Titus Lucretius Carus). *De la nature des choses*. (texto latino e tradução francesa de Alfred Ernout) Paris, Les Belles Lettres, 1920, V, 206 a 216.

urbs atua como uma miniatura desse mesmo *kósmos*, ou seja, a ele se liga através de uma relação de homotetia.

Em consonância com o projeto governamental de estímulo às atividades agrárias, Vergílio submete aos desígnios do homem lavrador a dinâmica natural dos fenômenos campestres. Já não estamos diante da natureza evocada nas duas passagens anteriores. Desta vez, o poeta fala de uma *tellus sollicitanda*: uma terra a ser solicitada, para que ceda seus produtos àquele que a cultiva.⁵² Rompe-se o equilíbrio simbiótico entre o homem e a natureza, que as *Bucólicas* exaltam. Não se trata mais de uma ambiência espacial de ordem quimérica.

A *ars agricola*, segundo Vergílio base da economia e da civilização⁵³, institui uma intervenção técnica compulsória sobre o solo antes espontaneamente generoso. Dessa forma, cultiva-se o florescimento das virtudes essenciais do cidadão romano, pois

o solo é o Terreno próprio da atividade de Roma; sua posse é o abono das lutas internas e o preço para a conquista do mundo.⁵⁴

A possibilidade de intervir na natureza não conduz à transgressão das leis eternas através das quais ela atua sobre todo o universo, fator que reitera a homotetia entre a *urbs* e o *kósmos*. Daí as declarações de espanto da parte do poeta a cada vez em que, por algum motivo, a ordem das coisas se vê desviada do seu curso natural. Nas *Geórgicas*, Vergílio menciona o prodígio indizível (*infandum*) concernente à erupção do Etna.⁵⁵ Na *Eneida*, o efeito devastador da tempestade sobre os navios troianos é algo que contradiz as expectativas visuais do espectador: *mirabile uisu* (espetáculo prodigioso).⁵⁶ Em outro momento, é a fala que se encontra maravilhada (*mirabile dictu*) face à estátua profanada da deusa troiana, que emana faíscas e chamas, balançando ainda o escudo e a lança.⁵⁷ A mesma expressão já havia sido utilizada nas *Geórgicas*, quando o poeta fala das éguas fecundadas pelo vento⁵⁸, fenômeno em que também acreditavam autores como Homero, Aristóteles, Varrão, Plínio e Columela. Descrevendo as serpentes monstruosas que trariam a morte ao sacerdote Laocoonte e aos seus filhos, o narrador confere tonalidade lírica ao discurso épico, admitindo estar horrorizado com o conteúdo do discurso poético: *horresco referens* (sinto horror ao relatar)⁵⁹. Os limites da linguagem são despertados também

⁵² Cf. VERGÍLIO (Publius Vergilius Maro). *Les Géorgiques*. op. cit., I, 99; II, 61 e 62; II, 418.

⁵³ Cf. Idem. II, 174 a 176.

⁵⁴ Paul Lejay, apud Henry Goelzer, in Idem. p. XX.

⁵⁵ Cf. VERGÍLIO (Publius Vergilius Maro). Idem. I, 479.

⁵⁶ Cf. VERGÍLIO (Publius Vergilius Maro). *L'Énéide*. op. cit., I, 111.

⁵⁷ Cf. Idem. II, 174.

⁵⁸ Cf. VERGÍLIO (Publius Vergilius Maro). *Les Géorgiques*. op. cit., III, 275.

⁵⁹ VERGÍLIO (Publius Vergilius Maro). *L'Énéide*. op. cit., II, 204.

por ocasião da descida ao inferno, onde cem bocas e cem línguas seriam insuficientes para descrever o suplício dos condenados.⁶⁰

Em todas essas circunstâncias, o discurso é interrompido, cedendo lugar ao aspecto miraculoso e indescritível da realidade em discordância com as normas da física. É quando a palavra esbarra nos seus limites extremos e os registros sensórios desconfiam da veracidade das impressões percebidas.

Vergílio **poeta** deixa ao encargo do leitor o preenchimento dos vazios semânticos não tocados pela linguagem poética. Vergílio **filósofo** imagina o *kósmos*.

Estamos diante de uma escolha consciente. Vergílio – senhor absoluto de seus instrumentos – constrói sua obra de modo tal que ela própria, o *corpus* vergiliano, se torna uma peça constitutiva do mundo por ele imaginado. Ademais, a solução adotada pelo Mantuano visa a enaltecer a glória de Roma e a estirpe de Augusto. No *mundus Vergilii* impera a *pax romana*. É o que veremos a seguir.

5. *Pax romana*

Instaurada por Otávio, a *pax romana* serve a Vergílio como parâmetro ordenador de todo o *kósmos*. Assim, o *mundus Vergilii* mostra-se em sintonia com a cosmologia de Aristóteles, mesmo ao preferir o modelo bidimensional de representação da superfície terrestre. Homero fornece o modelo cartográfico circular ao poeta romano. Observe-se, contudo: Na *Ilíada*, assistimos a um movimento de caráter predominantemente *centrífugo*: a civilização grega parte de diferentes pontos do território grego e se dirige às costas asiáticas de Tróia. A *Odisséia*, poema do retorno, revela uma dinâmica de reaproximação do centro irradiador de cultura que é o mundo helênico. O poeta grego, porém, não remonta às origens da sua civilização. Tomando agora a *Eneida* como parâmetro, vemos que a postura de Vergílio é distinta. A saga de Enéias se orienta mediante uma dinâmica *centrípeta*: Enéias deixa Tróia com a missão de legitimar as origens de Roma, que é o centro a ser buscado; cabe a ela o lugar privilegiado de centro do *kósmos*.

Cumpra atentarmos aqui para a imprecisão intencional com que o poeta designa a *urbs aeterna*: o sujeito indeterminado da frase “a cidade que chamam de Roma” aponta para o papel supra-histórico desempenhado pela capital do Império.⁶¹ A historicidade de Roma extrapola os limites da linguagem e do tempo.

Nas *Geórgicas*, Vergílio vê Roma como a *pulcherrima* (a mais bela) dentre todas as cidades: “a única que circundou sete colinas com um muro”.⁶²

As *Bucólicas* e as *Geórgicas* constituem uma preparação para o tema central da *Eneida*, obra expressamente dedicada à fundação de Roma e à consolidação do império romano. Com efeito, Roma, presente a cada instante, é a grande protagonista da epopéia vergiliana. É significativo que Vergílio se recuse a nomear e a localizar

⁶⁰ Cf. Idem. VI, 625 a 627.

⁶¹ Cf. MANSUELLI, Guido A. *La rappresentazione della città in scrittori latini dell'epoca di Augusto*. in *Littérature gréco-romaine et géographie historique. Mélanges offerts à Roger Dion*. Paris, A. & J. Picard, 1974, p. 183.

⁶² (...) *septemque una sibi muro circumdedit arces*. VERGÍLIO (Publius Vergilius Maro). *Les Géorgiques*. op. cit., II, 534.

precisamente a cidade do rei Latino. Chegamos a ela unicamente através de perífrases: *urbs Latini*, *urbs latina* ou *urbs Laurens*.⁶³ Ora, o ponto crucial da *Eneida* se encontra no casamento de Enéias com Lavínia, filha do referido rei. Casar-se com Lavínia permite a Enéias legitimar como *itálicos* os seus descendentes. Com efeito, dessa união nasce a estirpe romana e surge uma nova Itália, livre da barbárie. Responsável pelo advento da civilização na península, Enéias estende a *pax romana* a todo o orbe habitado.⁶⁴ Se Vergílio descrevesse a cidade de Latino com precisão, correria o risco de ofuscar a glória de *Lavinium*, onde repousam os penates do povo romano.⁶⁵

O herói troiano que dá nome à obra só é mencionado de forma explícita a partir do verso 92: “Enéias sente repentinamente calafrios nos membros”.⁶⁶ Para Vergílio, é mais importante destacar logo de início a *missão* conferida ao antigo personagem de Homero:

Canto as armas e o herói que, primeiro dentre todos, perseguido pelo destino, desde as praias de Tróia chegou à Itália e ao litoral lavínio. Durante muito tempo, tanto nas terras quanto nos mares, ele foi acossado pelo poder dos deuses superiores por causa do ressentimento sempre lembrado da cruel Juno; também suportou muitas provações na guerra, até que fundasse a cidade e introduzisse os deuses no Lácio: essa foi a origem da raça latina, dos nossos pais albanos e das muralhas da altiva Roma.⁶⁷

Pouco depois, ao salientar quão “árdua tarefa era fundar a nação romana”, o poeta privilegia o espondeu a fim de conferir mais ênfase à dramaticidade da coisa referida: *Tantae molis erat Romanam condere gentem*.⁶⁸

Vergílio modifica a profecia anunciada na *Ilíada*, em que Poseidon decide conceder a Enéias e aos seus descendentes o império sobre os troianos⁶⁹; na *Eneida*, esse domínio se estende por todo o *orbe*:

Sobre todos os países, lá dominarão a casa de Enéias, os filhos dos filhos e os que dela nascerão.⁷⁰

⁶³ Antes de ser suplantada por *Lavinium*, fundada por Enéias, a cidade em questão foi a capital do Lácio. Corresponde hoje a Torre di Paterno. *Lavinium*, por sua vez, é a atual Pratica.

⁶⁴ Cf. VERGÍLIO (Publius Vergilius Maro). *L'Énéide. op. cit.*, IV, 229 a 231.

⁶⁵ Cf. PERRET, J. *Problèmes topographiques au royaume de Latinus (Énéide VII - XII)*. in *Littérature gréco-romaine et géographie historique. Mélanges offerts à Roger Dion. op. cit.*, pp. 176 a 179.

⁶⁶ *Extempo Aeneae soluuntut frigore membra*. VERGÍLIO (Publius Vergilius Maro). *L'Énéide. op. cit.*, I, 92.

⁶⁷ *Arma uirumque cano, Troiae qui primus ab oris / Italiam fato profugus Lauiniaque uenit / litora, multum ille et terris iactatus et alto / ui superum saeuae memorem Iunonis ob iram, / multa quoque et bello passus, dum conderet urbem / inferretque deos Latio, genus unde Latinum / Albanique patres atque altae moenia Romae*. Idem. I, 1 a 7.

⁶⁸ Idem. I, 33. Ver a esse respeito a análise de Ignacio Luzán (cf. LUZÁN, Ignacio. *La poética [Ediciones de 1737 a 1789]*. Madrid, Cátedra, 1974, p. 263).

⁶⁹ Cf. HOMERO. *L'Iliade. op. cit.*, XX, 307.

Dessa forma, Vergílio leva a poesia a interferir na veracidade histórica, entendendo o presente real como a dimensão futura de um passado fictício. Como bem observa Lewis Mumford, “cada época tende a lisonjear o passado que devolve a sua própria imagem”.⁷¹

Fincar a pedra inaugural de Roma não indica apenas a fundação de mais uma *pólis* no Mediterrâneo. O ato, preparado por Enéias, é prelúdio para a vigência da *pax romana*, alicerce para a estruturação do *mundus Vergilii*. Com efeito, *Tantae molis erat Romanam condere gentem*.⁷²

6. Do caos ao *kósmos*: limites pontes e retratos

No *mundus Vergilii* há situações em que a própria natureza se incumbe de dividir as terras e os povos entre si. É o que se acha expresso nesta passagem da *I Bucólica*, através da fala de Melibeu:

Mas, [exilados] daqui, nós iremos uns para os africanos sedentos, outros para a Cítia; e chegaremos às margens do rápido Oáxis [rio de Creta, hoje Petrea] carregado de argila, bem como aos bretões, inteiramente separados do mundo.⁷³

Em outros casos, faz-se necessária a presença do homem: Otávio finca baluartes romanos nos limites extremos da Ásia, *repelindo das colinas de Roma o indiano desarmado*.⁷⁴

A intervenção humana constitui um pressuposto básico para a configuração do desenho do mundo traçado por Vergílio. Pois na dinâmica de relacionamento entre o homem e o espaço, o *cidadão romano* – que encontra em Augusto o mais perfeito protótipo – precisa desempenhar um papel especial, a fim de justificar a localização destacada que o poeta confere a Roma. Como se não bastasse ocupar o centro geográfico do círculo que representa a forma do mundo habitado, a *urbs aeterna*, destinada pelos deuses à hegemonia militar e política sobre todas as nações, segundo

⁷⁰ *Hic domus Aeneae cunctis dominabitur oris / et nati natorum et qui nascentur ab illis.* VERGÍLIO (Publius Vergilius Maro). *L'Énéide. op. cit.*, III, 97 e 98.

⁷¹ MUMFORD, Lewis. *A cidade na história. Suas origens, suas transformações, suas perspectivas.* [trad. Neil R. da Silva] Belo Horizonte, Itatiaia, 1965 [trad. Neil R. da Silva] Belo Horizonte, Itatiaia, 1965, p. 261.

⁷² *L'Énéide. op. cit.*, I, 33.

⁷³ *At nos hinc alii sitientes ibimus Afros, / pars Scythiam et rapidum cretae ueniemus Oaxen / et penitus toto orbe diuisos Britannos.* VERGÍLIO (Publius Vergilius Maro). *Les Bucoliques. op. cit.*, I, 64 a 66.

⁷⁴ Aludindo a uma embaixada indiana que visitou a *cidade eterna* nessa mesma época, Vergílio transforma simbolicamente as façanhas bélicas de Otávio em uma vitória do mundo romano sobre o Oriente enigmático, representado pela figura do indiano (cf. VERGÍLIO [Publius Vergilius Maro]. *Les Géorgiques. op. cit.* II, 172).

retratam as *Geórgicas*, se acha rodeada pelos melhores solos, possui o melhor clima etc.⁷⁵

A era de Augusto confirmava as previsões feitas na *IV Bucólica*: o herdeiro de Júlio César impusera às terras conhecidas uma nova ordem, *nouus ordo*. Sob a égide romana, o mundo antigo alcançava o seu momento de máxima estabilidade política:

Digna-te apenas, casta Lucina, a velar sobre o menino a nascer, em cujo período primeiramente se dará o fim da raça de ferro e surgirá no mundo inteiro a raça de ouro. Doravante reina teu irmão Apolo.⁷⁶

Protagonizada por Augusto, a *nova era* vivenciada pelo mundo antigo requeria o estabelecimento de limites precisos para uma extensão geográfica que crescera muito além das expectativas dos primeiros habitantes do Lácio. O empenho cartográfico de Agripa inclui-se nesse contexto.⁷⁷

A própria história de Roma, é conveniente frisar, coincide em grande parte com o processo de delimitação das terras conquistadas. Remo é morto pelo irmão Rômulo justamente por desprezar o caráter sagrado da espacialidade, *transpondo* de forma indevida o marco divisório entre uma e outra fração das terras italianas. Cabia ao deus *Terminus*, introduzido por Numa entre os povos itálicos, a guarda dos limites agrários. Enfatizando o seu papel de simbolizar a estabilidade territorial, os romanos o representavam em esculturas sem os pés e sem os braços.⁷⁸

A atitude romana face às fronteiras territoriais também pode ser evidenciada mediante a análise do vocábulo *pons* (ponte), de origem etrusca. Em seu estágio primitivo, o conceito designa a construção que une as margens de um rio: *facere pontem in flumen*.⁷⁹ Vergílio revela outras acepções, também de ordem literal: ora se trata da prancha utilizada pelos marinheiros no momento de desembarque⁸⁰; ora se refere ao solo de uma torre⁸¹, ou ainda às pontes que ligam entre si torres diferentes.⁸²

⁷⁵ VERGÍLIO (Publius Vergilius Maro). Idem. II, 109s. Herança do etnocentrismo helênico, a atitude de privilegiar o próprio referencial geográfico encontra seguidores bem mais atuais no Ocidente, como é o caso de Ritter, no século XIX. Para o geógrafo alemão, a política imperialista adotada pelos europeus ao longo da história encontraria justificativa no fato de ser a Europa o continente que apresenta o mais perfeito equilíbrio entre formas sólidas e líquidas (cf. CAPEL, Horacio. Barcelona, Barcanova, 1943, pp. 59 e 60).

⁷⁶ *Tu modo nascenti puero, quo ferrea primum / desinet ac toto surget gens aurea mundo, / casta favet Lucina: tuus iam regnat Apollo.* VERGÍLIO (Publius Vergilius Maro). *Les Bucoliques*. op. cit., IV, 8 a 10.

⁷⁷ Agripa, militar a serviço de Otávio, é considerado autor de um grande mapa do mundo romano. Ver a esse respeito KLOSTER, A. *Die geographischen commentarii des Agrippa und ihre Überreste*. in *Klio*. nº 24, 1931, pp. 35 a 38; 386 a 486.

⁷⁸ Cf. SPALDING, Tassilo Orpheu. *Dicionário de mitologia latina*. São Paulo, Cultrix, S/D, pp. 139 e 140.

⁷⁹ "fazer uma ponte sobre o rio". JÚLIO CÉSAR (Caius Iulius Caesar). *Les guerres des Gaules*. (texto latino e tradução francesa de L. - Constans) Paris, Les Belles Lettres, 1955, I, 13.

⁸⁰ Cf. VERGÍLIO (Publius Vergilius Maro). *L'Énéide*. op. cit., X, 287.

Já no sentido figurado, *pons* assume conotação sacrílega, uma vez que resulta na transposição do *sulcus*, ou seja, o curso d'água que delinea as fronteiras da *Vrbs* – é o caso de Remo. O simples ato de atravessar os cursos d'água pode conduzir não apenas a uma interferência na conformidade espontânea do terreno, como também a um desrespeito em relação à ordem divina que nessa mesma conformidade se espelha. Não admira, pois, que a guerra civil entre César e Pompeu tenha seu marco inicial simbólico na passagem do rio Rubicão.⁸³

Lugar de convergência da poética vergiliana, Roma é a *Cidade da Ponte*, já que a ponte sobre o rio Tibre constitui a sua razão de ser primitiva; a *Vrbs* marca ainda o ponto onde a Itália setentrional e a meridional se comunicam.⁸⁴ Cabe exclusivamente ao chefe do culto oficial e público, ou seja, ao *Pontifex Maximus*, o controle ritualístico do *limes* (limite, fronteira) sagrado⁸⁵, pois a ponte instaura uma ligação entre o plano terreno e o divino.⁸⁶

Delimitar implica impor ordem ao espaço caótico; no plano estético, a terra sem limites avizinha-se à matéria carente de forma. Para os autores da Antiguidade, as terras longínquas partilhavam de uma incerteza essencial no que tange à conformação das suas áreas fronteiriças. Às dificuldades técnicas para a confecção dos mapas e descrições precisas somam-se barreiras psicológicas que impedem de vislumbrar o *outro* em sua especificidade. A imprecisão torna-se inevitável. Pois a fronteira não tem somente o valor político de separação entre estados; corresponde à região ambígua onde o ser passa para a dimensão da alteridade.⁸⁷

Oscilante em relação ao *mesmo* e ao *outro*, o *mundus Vergilii* transcendendo os limites da geografia e da história, revela nossa própria face.

⁸¹ Cf. Idem. IX, 530.

⁸² Cf. Idem. IX, 170.

⁸³ Sobre o caráter sagrado assumido pelos rios e cursos d'água em diferentes culturas, ver FRAZER, James George. *El folklore en el Antiguo Testamento*. (trad. Gerardo Novás) Ciudad de México, Fondo de Cultura Económica, 1986, pp. 338 a 341.

⁸⁴ Cf. ERNOUT, Alfred & MEILLET, Antoine. *Dictionnaire étymologique de la langue latine*. 3ª ed., Paris, C. Klincksieck, 1951, p. 922.

⁸⁵ Ver também ECO, Umberto. *Interpretação e superinterpretação*. (trad. Mônica Stahel) São Paulo, Martins Fontes, 1993, p. 32.

⁸⁶ Cf. HEIDEGGER, Martin. *Bauen, Wohnen, Denken*, in *Vorträge und Aufsätze*. 3ª ed., Pfullingen, Günter Neske, 1967, p. 26s.

⁸⁷ Cf. JOURDE, Pierre. *Géographies imaginaires de quelques inventeurs des mondes au XXe. siècle*. Gracq, Borges, Michaux, Tolkien. Paris, José Corti, 1991, p. 96.